



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **O INVESTIMENTO EMPRESARIAL NO MEIO AMBIENTE E A ADMINISTRAÇÃO DE CONDUTAS NA AMÉRICA LATINA**

Eliane Knorr

Nu-Sol/PUC-SP

[lili.knorr@gmail.com](mailto:lili.knorr@gmail.com)

A chamada questão ambiental está presente hoje em todas as esferas da vida cotidiana. O tema se tornou pauta obrigatória em escolas, no trabalho, em programas televisivos, em negociações internacionais envolvendo governos, ONGs, etc. Diante da exploração desenfreada do planeta, que teve seu *boom* a partir do desenvolvimento da sociedade industrial, busca-se hoje formas de controle desta exploração que, no entanto, não atinjam o desenvolvimento econômico de países ditos emergentes, ou a economia de países em que esta estaria consolidada.

No final da década de 1960 a preocupação com a exploração desenfreada do planeta destacou-se a partir de um questionamento das práticas de vida, em todos os seus âmbitos. A ecologia, enquanto uma relação entre o homem e a natureza da qual ele faz parte, passou a ter grande ênfase juntamente com as experimentações de um modo de vida mais livre.

Paralelamente, decorrente dos grandes acordos internacionais lançados a partir do fim da segunda guerra, figuras ilustres se reuniam para debater os rumos da humanidade. Em 1972 o Clube de Roma<sup>1</sup> publicou um relatório, elaborado pelo MIT, intitulado *Os limites do crescimento*, em que traçava um destino catastrófico para a humanidade caso se mantivessem os mesmo níveis de produção e consumo (relativos à poluição e ao limite uso dos chamados recursos naturais). 1972 foi também o ano em que a ONU inaugurou a “Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente”. Nas décadas seguintes, a questões em torno da ecologia acabaram tomando outro rumo.

Diante do problema colocado, surgiram diversas propostas. Muitas alertavam ser necessário diminuir, ou mesmo parar, a produção e o consumo, de modo a preservar o

---

<sup>1</sup> <http://www.clubofrome.org>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

planeta. Tal proposta despertou um forte interesse de empresários e industriais em encontrar uma forma de garantir a continuidade desta produção. Aparentemente, existia nesse momento um forte apelo dos chamados países em desenvolvimento, cuja limitação de produção pela indústria significaria um estancamento econômico,<sup>2</sup> precisamente na época em que países como o Brasil – sob regime ditatorial – investiam no crescimento industrial.<sup>3</sup>

Em 1987, foi publicado o relatório *Nosso Futuro Comum*, também conhecido como Relatório Brundtland. A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento criada pela ONU, presidida por Gro Harlem Brundtland, Primeira Ministra da Noruega na época, buscava com este relatório traçar propostas “realistas” para a cooperação dos países na preservação ambiental. Deste ponto em diante, o termo *desenvolvimento sustentável* vem dar vazão às questões que concernem tanto ao desenvolvimento econômico quanto a preservação ambiental (BRUNDTLAND, 1991). A comissão para realização do relatório passou a ser constituída, em sua maioria, por representantes dos chamados países em desenvolvimento, "necessitávamos de ampla participação e de uma clara maioria de membros de países em desenvolvimento" (idem: XIV), declara Brundtland ao ressaltar o importante vínculo entre a pobreza, desigualdade e deterioração ambiental.

A próxima conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), aconteceria no Brasil, no Rio de Janeiro, em 1992, também conhecida como a Cúpula da Terra e Eco-92. Diferente da Conferência em Estocolmo, cuja presença maciça era de chefes de Estado, esta contou com representantes de indústrias, empresas e organizações. Nesta conferência um dos principais objetivos foi pensar meios para aliar o desenvolvimento social e econômico dos chamados países em desenvolvimento com a preservação do meio ambiente, destacando assim a participação do conselho de empresários e industriais formado para a conferência. A participação de ONGs nesta conferência restringiu-se às discussões, estas não podiam deliberar nada, mas tiveram um papel fiscalizador.

---

<sup>2</sup> Ver: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%A2ncia\\_de\\_Estocolmo;](http://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%A2ncia_de_Estocolmo;)

<http://www.infoescola.com/meio-ambiente/conferencia-de-estocolmo/>

<sup>3</sup> <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/ditadura-militar/economia-na-ditadura-militar.php>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O principal documento produzido neste encontro foi a *Agenda 21*.<sup>4</sup> A proposta quanto à esta agenda era que cada país produzisse a sua de acordo com as suas prioridades e capacidades de atuar com relação a preservação ambiental. De modo geral, a *Agenda 21* é constituída por 4 sessões: I. Dimensões sociais e econômicas; II. Conservação e gestão dos recursos para o desenvolvimento; III. Fortalecimento do papel dos grupos principais; IV. Meios de execução. Destaco a primeira sessão e o capítulo 30, no interior da terceira sessão, que se refere ao Fortalecimento do papel do comércio e da indústria.

### **A entrada do setor empresarial na Cúpula da Terra**

Em maio de 1990 em Bergen, Noruega, aconteceu um dos encontros preparatórios para a UNCED de 1992, prevista para ocorrer no Rio de Janeiro. A conferência de Bergen reuniu os governos da Europa e dos EUA (Timberlake, 2006). Encontro similares aconteceram em Nairobi, também em 1990, para a região da África; em São Paulo, 1990, para a região do Caribe e América Latina; e em Bangkok, em 1991, contemplando a região da Ásia (site: <http://unfccc.int>).

Participaram da Conferência de Bergen para o Desenvolvimento Sustentável, ministros do Meio Ambiente de 34 países, o comissário para o Meio Ambiente da Comissão Européia, além de diplomatas e líderes empresariais, somando ao todo 140 pessoas. Um dos patrocinadores deste encontro foi a Comissão Econômica para a Europa das Nações Unidas.

Entre os líderes empresariais, estava Stephan Schmidheiny, alto executivo suíço conhecido por assumir em suas empresas uma preocupação com o Meio Ambiente. Neste encontro, Maurice Strong, recém proclamado Secretário Geral da Cúpula da Terra, convidou Schmidheiny para representar o lado empresarial no encontro de 1992, como Conselheiro Principal do Comércio e da Indústria. Schmidheiny, no entanto decidiu organizar uma comissão específica de líderes empresariais para a Cúpula de 1992, reconhecida como Business Council for Sustainable Development - BCSD (Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável) (Tiberlake, 2006).

---

<sup>4</sup> [www.mma.gov.br/port/se/agen21/capa/](http://www.mma.gov.br/port/se/agen21/capa/)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A década de 1990 ficou marcada por pelo menos duas novidades no âmbito das discussões acerca dos problemas ambientais. A primeira é que procurou-se implementar de forma mais abrangente a idéia de *desenvolvimento sustentável*. Tal termo foi cunhado em 1987 no Relatório Brundtland, oficialmente intitulado *Nosso Futuro Comum*. A segunda foi o papel mais ativo de indústrias e empresas.

### **A criação do WBCSD**

Hugh Faulkner, ex-político canadense e presidente da empresa Alcan, foi um dos condutores do encontro em Bergen e nomeou como secretário do evento o empresário Jan-Olaf Willums. A partir do encontro, Faulkner juntou-se com Schmidheiny, tornando-se o diretor executivo do BCSD. Willums, por sua vez, tornaria-se o diretor do WICE (World Industry Council on the Environment), criado logo após a Conferência de 1992, como parte do ICC (Câmara Internacional do Comércio). Em 1995 os dois grupos se fundiriam no que deu origem ao WBCSD (World Business Council on The Environment) (Timberlake, 2006).

Até então, a questão do meio ambiente era tratada como um problema de governos. Com a nova proposta da participação oficial de empresas e indústrias neste setor, Schmidheiny procurou recrutar nomes de peso para a constituição do Conselho Empresarial. Um dos nomes de maior destaque foi o de Edgar Woolard, presidente da *DuPont*.

A partir da criação deste conselho empresarial, houve uma série de reuniões nos dois anos que precediam a reunião da Cúpula da Terra. Neste período, criou-se um novo conceito que pudesse representar o viés empresarial na questão do meio-ambiente. O conceito criado foi *Ecoeficiência*.

Este conceito foi criado por meio de um ‘concurso’, nos primeiros encontros do BCSD. Stephan Schmidheiny escolheu um nome, entre diversas sugestões anônimas, que definisse a “potencial contribuição de uma empresa ao desenvolvimento sustentável” (Schmidheiny, 2006: 24). Apesar de anônimo, no livro *Catalyzing Change* Frank Bosshardt conta que o termo escolhido era invenção sua.

Segundo Schmidheiny, ‘eco’ se refere ao mesmo tempo à economia e ecologia, enquanto que ‘eficiência’ seria um denominador comum com relação ao crescimento



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

econômico. Schmidheiny expõe o termo ecoeficiência enquanto uma dimensão ética do desenvolvimento econômico, enfatizando que diante de uma maior liberdade econômica, a responsabilidade se torna mais necessária para as empresas.

No site do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Econômico, afirma-se que “ecoefficiência é saber combinar desempenho econômico e ambiental, reduzindo impactos ambientais; usando mais racionalmente matérias-primas e energia; reduzindo os riscos de acidentes e melhorando a relação da organização com as partes interessadas” ([www.cebds.org.br](http://www.cebds.org.br)).

A proposta inicial do Conselho era que após a Cúpula ele se desmanchasse. No entanto, decidiu-se dar continuidade ao projeto, mas nesta continuidade, Schmidheiny abriu mão de sua direção. Após a Cúpula, portanto, constituíram-se dois grupos do segmento empresarial que se propunham a lidar com a questão do meio ambiente, o BCSD e o WICE. Enquanto o primeiro, de maior visibilidade, se constituía enquanto um compromisso entre executivos, o segundo tinha uma proposta de compromisso entre as corporações.

Em 1995, os dois se uniram, trabalhando sob a perspectiva do compromisso entre corporações, dando origem ao WBCSD. Nesta ocasião Björn Stigson foi nomeado presidente e Jan-Olaf Willums, ex-presidente da WICE, foi nomeado diretor Senior.

## **No Brasil**

O CEBDS (Conselho Empresarial Brasileiro de Desenvolvimento Sustentável), é o representante do WBCSD no Brasil, e existe oficialmente desde 1997 (fonte: [www.cebds.org](http://www.cebds.org)). No site do Conselho consta que sua missão é: “Integrar os princípios e práticas do desenvolvimento sustentável no contexto de negócio, conciliando as dimensões econômica, social e ambiental”.

No Brasil, o conceito de *eco-eficiência* está diretamente ligado ao que chamam de *Produção Mais Limpa*. A *Rede de Produção mais Limpa* tem como objetivo contribuir em tornar as empresas mais eficientes e competitivas, reduzindo os danos ao meio ambiente. Tal investida, surgiu de um projeto criado no Rio Grande do Sul, ligado ao PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e à Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial, e possui um caráter preventivo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **O meio ambiente da perspectiva empresarial**

O plano de trabalho no sentido de promover o chamado desenvolvimento sustentável se deu a partir de uma metodologia empresarial. Tal metodologia consiste em criar cenários hipotéticos, de modo a planejar as atividades a serem desenvolvidas com o objetivo de alcançar ou evitar estes cenários.

Foram três os cenários traçados pelo WBCSD:

O primeiro, nomeado *FROG* (First Raise Our Growth – Nosso Crescimento em Primeiro Lugar), traça um cenário em que o desenvolvimento econômico tem prioridade sobre o meio ambiente, o que resultaria em uma sociedade e ecossistema destruídos. Segundo Lloyd Timberlake, não é um cenário sustentável.

O segundo, nomeado *GEOpolity* (Global Ecosystem Organization), é o cenário da regulamentação e lei ambiental internacional. O governo força o mercado a responder aos temas sociais por meio de ameaças globais.

O terceiro cenário seria o *Jazz*. Este, ao contrário do anterior, é voluntário, a partir de iniciativas descentralizadas, abertas e improvisadas. Segundo Timberlake, nesta perspectiva o comportamento do mercado é acessível de bom grado, e a responsabilidade é reforçada pela escolha do consumidor e opinião pública. Consumidores e ativistas ecológicos são mais participativos, o governo facilita mais do que regula e o empresariado encontra vantagens estratégicas em agir em prol do meio ambiente.

Este terceiro cenário, o mais desejado e difundido atualmente, nos ajuda a mostrar uma lógica que predomina na atual sociedade de controle.

## **Sociedade de controle**

Até meados do século XX, as posições eram bem delimitadas, no espaço do trabalho, da escola, das instituições. O governo se exercia dentro destes limites. Em oposição, as resistências aconteciam nos espaços *entre*. A esta forma de governo, Michel Foucault (2003) reconheceu um poder disciplinar. Este exercício do poder se dava através da prática do governo de fazer viver e deixar morrer. Mas Michel Foucault



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

já atentara para uma nova forma de governo que começava a surgir com as tecnologias que emergiram na Segunda Guerra.

Gilles Deleuze, dando continuidade às análises de Foucault, observou nesta mudança na sociedade a emergência do que ele chamou de Sociedade de controles. A Sociedade de controle se redimensiona, segundo o autor, através do inacabado. Desta forma, os espaços *entre* da sociedade disciplinar, aos poucos vão sendo ocupados por micro-controles. Se na sociedade disciplinar os corpos deveriam se ajustar aos moldes da disciplina, Deleuze expõe que, na sociedade de controle o governo age através de modulações “como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante (...)” (2004: 221).

As fronteiras são menos rígidas, há lugar para todos, desde que, é claro, se possa ser identificado. A sociedade de controle é a sociedade da inclusão. Todos são convocados a participar, mesmo que através de denúncias e opiniões via internet. As minorias acabam sendo capturadas através de alternativas. Não há mais apenas um modelo a se seguir, as opções são muitas, todos (ou quase todos) podem viver como o macho, adulto, branco, com a possibilidade de preservar o corte de cabelo ao seu estilo. Os movimentos de resistências são capturados a partir de *estilos* pré-fabricados, a venda em qualquer supermercado, ou através da internet. Segundo Edson Passetti, “(...) os direitos de minorias substituem antigos direitos sociais e funcionam como amortecedores de conflitos. (...) A sociedade de controle, segundo prioridades e programas, também é capaz de absorver rapidamente um infrator como controlador, um inventivo jovem em programador institucional, uma rebeldia em moda, um contestador em político profissional; é a sociedade do consenso e das incansáveis capturas, sob a forma de dispositivo de inclusão” (2007: 27).

De acordo com Edson Passetti “no fluxo ininterrupto de *políticas públicas* entre Estado e sociedade civil emergiu a ética da responsabilidade social atraindo a população para programas de atendimento e participação, capturando resistências e rebeldias para consolidar o que chamo aqui de *conservadorismo moderado*” (2007: 17).

Esta responsabilidade social, ligada ao que Foucault chamou de empreendedorismo de si, mostra-se, explicitamente nos efeitos da Eco-92 com relação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

aos investimentos nos países da América Latina, em especial. Um nome importante neste âmbito é o do empresário-empendedor Stephan Schmidheiny

### **Stephan Schmidheiny**

Stephan Schmidheiny é filho de um empresário na Suíça, ao mesmo tempo, sua família tinha próxima ligação com os artistas contemporâneos. Em uma família de engenheiros, formou-se em direito.

Trabalhou em uma fábrica da Eternit (empresa de sua família) no Brasil, e depois passou a gerir esta empresa na Suíça. A discussão dos malefícios ou benefícios do amianto – material largamente utilizado em sua indústria – o levou a assumir transformações drásticas com o corte do material. Ainda assim, não ficou livre da crítica na grande mídia, chegando a estampar – como vilão – as primeiras páginas de jornais, segundo o próprio Schmidheiny. Isso marcou sua entrada no campo do chamado ‘desenvolvimento sustentável’. Em sua bibliografia, relata que o que o motivara a abrir mão do uso do amianto fora, na verdade, a sua experiência na fábrica do Brasil, onde carregava sacos com esse produto e que, frequentemente, se encontrava coberto pelo pó do amianto.

Em 1984, investiu na criação da FUNDES juntamente com o Arcebispo do Panamá Marcos McGrath, uma fundação que promove cursos empresariais para pequenas e micro-empresas na América Latina, oferece créditos, consultorias e treinamento administrativo.

Investiu em algumas empresas em crise na Suíça e na América Latina. Seu método consistia em fazer a empresa prosperar, revendendo-a no seu auge.

Ainda na década de 80, entrou como investidor em uma coleção de artes administrada pelo irmão. Em 1995, com a morte do irmão e do pai, herda a coleção de artes e funda a DAROS, organização que investe em artes e artistas contemporâneos, em especial estadunidense, a partir do pós guerra. Posteriormente fundou a DAROS América Latina.

Na década de 1990, começou a proferir palestras, também em universidades, sobre desenvolvimento econômico e preocupação ambiental.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Em 1994, vendeu seus negócios na Suíça e se concentrou na América Latina. Fundou o GrupoNueva que, de acordo com sua homepage, “é uma holding<sup>5</sup> de investimentos e operações no negócio florestal e derivados de madeira”.

Outra de suas organizações, a AVINA, tem como objetivo ‘investir em lideranças’. Segundo Schmidheiny “o segredo está em buscar personalidades com poder de liderança, não só na chamada elite” (Schmidheiny, 2006: 34). Seria preciso portanto, um trabalho empreendedor, que para Schmidheiny "um empreendedor é uma pessoa que pode convencer outras a aceitar sua visão, motivando-as a trabalhar para alcançar tais metas" (idem: 31 e 33)

Em 2003 fundou a VIVA Trust. VIVA Trust é, por um lado, o dono do GrupoNueva e, por outro lado, a fonte financeira mais importante da Fundación AVINA. Segundo Schmidheiny, é a união da lógica empresarial – vertical e centralizada, com a lógica social – horizontal e descentralizado, resultando no que se chama desenvolvimento sustentável.

### **AVINA Stiftung**

A Avina Stiftung é uma fundação filantrópica que se estabeleceu na Suíça em 1994, criada por Stephan Schmidheiny. Na mesma época, Schmidheiny focava seus negócios nas América Latina (Schmidheiny, 2006). A princípio, o enfoque desta organização também era a América Latina. Posteriormente foi criada a Fundación Avina, em 2001 no Panamá ([www.avinastiftung.ch](http://www.avinastiftung.ch)). Antes da Fundação Avina, Schmidheiny, já havia criado outra instituição filantrópica, na década de 80, que investia em pequenas e médias empresas na América Latina, a FUNDES.

Sob o lema de que “não há negócios bem sucedidos em sociedades fracassadas”, lema que estampa a primeira página do site suíço, Schmidheiny, segundo o próprio, observou na América Latina um grande potencial de desenvolvimento, graças ao seu crescimento econômico, ao mesmo tempo que uma grande desigualdade social. Ele afirma, ainda, que chegou a conclusão, que era mais importante investir em líderes que conduzissem grandes mudanças, do que trabalhar sob o velho modelo filantrópico da doação.

---

<sup>5</sup> Sociedade Gestora de participações Sociais, em que a empresa gestora possui parte das ações de outras empresas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Eu tinha a certeza de que sem líderes nunca haveria mudanças decisivas. Os líderes caracterizam-se por ter uma visão de longo prazo, idéias concretas para sua implementação e valores éticos arraigados, bem como um plano de ação e a habilidade de levar adiante seus projetos de forma bem sucedida. Além disso, são capazes de motivar outras pessoas para se juntarem em novas parcerias, criando, deste modo, a massa crítica necessária para acionar o processo de mudança. (Schimidheiny, 2006: 34)

Uma das palavras que marca esta mudança de visão da filantropia, segundo Schmidheiny, é a palavra *investimento*, já que se pressupõe um retorno com base em interesses específicos (Schmidheiny, 2006). Segundo o site da Fundação Suíça, a Avina é uma organização filantrópica com espírito empresarial. Schmidheiny, afirma, entretanto, que apesar de ser um novo paradigma filantrópico, a ideia não era completamente nova, descobriu na América Lattina uma empresa, a Ashoka, que já trabalha sob este prisma desde a década de 80, hoje integrada à AVINA.

De acordo com o site da fundação, a Avina promove projetos inovadores na área social, de educação, de arte e cultura e ambiental. Considerando os anos de 2007 a 2009, a menor parte dos projetos da Avina Stiftung foram voltados para o Meio Ambiente, a mesma coisa com relação aos fundos investidos ([www.avinastiftung.ch](http://www.avinastiftung.ch)).

Este meio de conduta *ético-responsável-empresarial*, traz a tona uma lógica constituída como lógica do capital humano.

## **O capital humano**

Entre as décadas de 1950 e 1960 surge uma nova teoria econômica a partir de uma crítica a economia clássica. Dois nomes importantes na constituição desta teoria são Theodore Schultz e Gary Becker. A crítica que se fazia era com relação a uma visão econômica que ignorava a questão do trabalho. É sempre bom lembrar que esta crítica estava atrelada a um evento histórico, relacionada a certas dificuldades econômicas que os EUA sofriam em decorrência da crise na década de 20 e 30 e das soluções dadas no momento. Neste sentido, a crítica se formula não contra o regime econômico (e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

político), o capitalismo, mas como adaptá-lo, para as novas necessidades, colocando a crise como um problema administrativo e não ideológico.

Como mostra Foucault (2008), estes críticos da economia clássica alertavam para o fato de, até então, ter se ignorado a questão do trabalho nas teorias econômicas, em que somente se levava em conta os processos de produção, consumo, etc, ignorando a situação do trabalho em si. A nova questão que Schultz e Becker colocam é a de que diferenças qualitativas do trabalho podem ter um efeito econômico. Desta forma, o investimento nos produtos, processos de produção, etc., não são suficientes, sob esta perspectiva é preciso investir também no trabalhador, desde sua educação. Cria-se desta noção, a idéia de *capital humano*.

Segundo a idéia de que o capital é tudo o que pode se constituir como fonte de renda futura, o homem pode ser entendido como capital. E sua renda será produção dos investimentos em si mesmo, fazendo com que todos sejam, desta forma, empresários de si.

Sobre a teoria do capital humano, Foucault (2008) desenvolve ainda que, este capital é composto por elementos inatos e adquiridos. Os primeiros estão relacionados com o que é hereditário ou próprio de cada um. Um investimento neste sentido se daria, por exemplo, pela escolha de um parceiro sexual que determinaria que a sua descendência possuísse um equipamento genético tão bom ou melhor que o seu. Com relação aos elementos adquiridos, são todos os investimentos na própria educação ou no próprio corpo, saúde, etc. O objetivo destes investimentos, que sempre tem um custo, é permitir uma melhoria de si (tendo em vista um ideal de perfeição), e traduzir este investimento num futuro lucro possível.

### **Ecologia libertária**

Empreendimentos como os da AVINA, e aqueles expressados por Schmidheiny, mostram que não somente há uma preocupação em incentivar este auto-controle, auto-governo, por cada um, como também produzir e incentivar àqueles que tenham mais capacidade de se tornar condutores, estimulando um certo padrão de comportamento.

Félix Guattari, nos lembra que um dos elementos do processo de deterioração de vidas, de corpos e do planeta, é esta busca e incentivo à uma padronização. Desta



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

maneira, afirma, “por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. É a relação de subjetividade com sua exterioridade (...) que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva.” (1991: 8).

Um ponto importante neste sentido é que hoje em dia há uma disseminação de um modo de pensar e viver padronizado, que se escora sob a falsa sensação de individualidade por meio da variedade de mesmos. Perpetua-se uma visão hierárquica e segregária da vida e das relações. Permanecem as desigualdades no âmbito econômico e social. Engabela-se com o sonho de cada um se tornar “o chefe”, mas jamais haverá a possibilidade de todos se tornarem chefes, e para que alguns permaneçam é necessário que outros sustentem.

No artigo intitulado “O conceito de ecologia social”, de 1985, Murray Bookchin, anarquista nascido nos EUA, alertava contra alguns discursos que emergiam diante da constatação de uma crise da exploração do planeta. O autor afirma que, se por um lado as transformações que despontaram na década de 1960 em meio à explosão de uma contracultura aberta ao sentido de uma grande mudança social, com novos estilos de vidas comunitários, novos valores de sensibilidade, música, linguagem, etc., os anos seguintes anunciavam um retrocesso. Bookchin distingue o pensamento ecológico que emergiu com força nos anos 1960, de um ambientalismo que despontava. Na medida em que o meio ambiente é passivo à intervenção humana: “o ‘ambientalismo’ tende a reduzir a natureza a um depósito de ‘recursos naturais’ ou ‘matérias primas’” (Bookchin, 2010: 133); a ecologia, ao contrário, seria “o equilíbrio dinâmico na natureza, a interdependência entre o vivo e o inanimado” (idem:134).

O ambientalismo partiria de uma visão mecanicista que não questiona a relação de dominação do homem sobre a natureza, já a perspectiva ecológica deslocaria o homem de sua confortável posição de dominador colocando-o, não à parte, mas no interior de uma natureza da qual ele se desenvolveu em um modo de organização diferenciado, mas que, no entanto, dela não está apartado. Bookchin não quer o retorno a um tempo primitivo em que a natureza tomaria conta dos homens e de todas as coisas. Para ele isso seria uma inversão dentro da lógica de dominação. O homem, como ser da natureza, tem uma relação dentro dela, não é dominado e nem a domina.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Em uma relação dinâmica na natureza, “qualquer espécie que consegue aumentar seu território estará, ao mesmo tempo, ampliando a situação ecológica como um todo” (Bookchin, 2010: 152). Entretanto as sociedades humanas modernas, regidas pela lógica da dominação, tendem a simplificar os territórios, povos, etc., empobrecendo-os e enfraquecendo-os, como a si próprias. A ecologia social, que propõe Bookchin, seria precisamente esta relação entre o homem e a natureza, sem apartá-los um do outro: um pensamento ecológico, portanto, só pode ser social e vice-versa.

Bookchin, entretanto, ainda busca uma certa universalização, que é sempre um perigo aos amantes da liberdade, quando quer estabelecer com essas críticas uma nova sociedade, ignorando, que toda sociedade é, de certo modo, massificadora.

Félix Guattari (2001), também ressalta a indissociação entre o modo de vida e as mudanças sociais. A destruição do planeta e das relações sociais são inerentes à lógica do capital em que se pensa sempre a partir do lucro e da superação em cima das outras pessoas.

Hoje, quando se fala em crise econômica, a preocupação imediata é salvar os bancos, como se esses fossem o alicerce de todos, basta lembrarmos dos acontecimentos na Grécia nos últimos anos,<sup>6</sup> que levaram, inclusive à revolta de alguns jovens insubmissos. De fato, talvez os bancos sejam o alicerce da sociedade em que vivemos hoje, mas que como lembrava Stirner, seria preciso deixá-la morrer.

Qualquer exemplo que se poderia dar com relação à crise ecológica e social, existe uma predominância em se preservar os lucros a qualquer custo. E para manter este funcionamento é necessário também que as pessoas destruídas por essa lógica não se rebelem, por isso devem acreditar que investindo em si mesmas, como empresas, alcançaram o topo sobre os outros.

As experimentações de 1968 mostraram que a vida é possível sem o governo da autoridade. Tornou explícito que a vida era muito mais do que cabia nos limites da fábrica, da escola, do Estado, ou dentro de qualquer outro limite. O governo das vidas, que até então operava sob uma lógica de *dentro e fora* – entre aqueles que estavam incluídos, que tinham acesso aos direitos, aos salários, às premiações, e aqueles que estavam excluídos, considerados perigosos, marginais –, se viu forçado a se re-inventar.

---

<sup>6</sup> Ver hypomnemtas em [www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Menos do que um saudosismo e um *pessimismo inconsolável*, se faz necessário, hoje, tomar cuidado com discursos sedutores em torno do mercado e meio ambiente para não acomodar-se com soluções falaciosas. Um problema que concerne a vida como um todo, não pode ser solucionado reduzindo-se seu fator a uma questão econômica. Se faz necessário portanto, pensar outras maneiras de lidar com a vida ou assumir de uma vez que a preocupação com o planeta não passa de especulação de capital.

### Referências:

Bookchin, Murray. *Ecologia social e outros ensaios*. Organização e revisão da tradução de Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro, Achiamé, 2010.

BRUNDTLAND, G. H. (org.). *Nosso futuro comum*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1991.

PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. “Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado”. *Verve*, 2007, vol. 12, p. 11-43.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. São Paulo: Ed. Graal, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica*. Curso no Còllege de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de M. Cristina F. Bittencourt. Ed. Papyrus, 2001.

Schmidheiny, Stephan. *Minha visão - minha trajetória*. VIVA Trust, Chile, 2006.

SCHULTZ, Theodore W. *O capital humano*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

Timberlake, Lloyd. *Catalyzing Change: A Short History of the WBCSD*. fevereiro 2006. (Disponível em: <http://www.wbcd.org>)